

A Gata-Borracheira ou o Sapatinho de Cristal

Era uma vez um Fidalgo que casou em segundas núpcias com uma senhora, a mais arrogante e vaidosa que jamais se vira. Ela teve duas filhas de temperamento igual ao seu, e que com ela eram parecidas, em todas as coisas.

O Marido já tinha, pelo seu lado, uma filha, mas que era de uma doçura e de uma bondade sem par; parecia-se com a mãe, que tinha sido a melhor pessoa do mundo.

Ainda mal o casamento se havia realizado e logo a Madrasta fez explodir o seu mau génio; não podia suportar as boas qualidades desta menina, que faziam com que as suas filhas parecessem ainda mais odiosas.

Encarregou-a dos trabalhos mais mesquinhos da Casa: era ela quem lavava a loiça e os degraus



da escada, quem esfregava o quarto da Senhora e o das Meninas suas filhas; dormia na parte mais alta da casa, numas águas-furtadas, sobre um ordinário colchão de palha, enquanto as irmãs dormiam em quartos assoalhados, onde tinham as suas camas, as mais modernas que então havia, e espelhos que refletiam a sua imagem dos pés à cabeça.

A pobre menina suportava tudo com paciência e não ousava queixar-se de nada ao pai, que certamente ainda a repreenderia, pois estava completamente dominado pela esposa. Logo que terminava o seu serviço, ia para o canto da chaminé e sentava-se ali junto das cinzas, o que fazia com que em sua casa normalmente lhe chamassem Rabo-de-Cinza. A mais nova, que não era tão maldosa como a mais velha, chamava-lhe Gata-Borrallheira; entretanto, a Gata-Borrallheira, com o seu miserável vestido, não deixava de ser cem vezes mais bela do que as irmãs ricamente vestidas.

Aconteceu que o Filho do Rei deu um Baile e convidou todas as pessoas de categoria: as nossas

duas Meninas também foram convidadas para ele, pois tinham um certo nome naquele país. E-las muito contentes e preocupadas em escolher os vestidos e os penteados que lhes ficassem melhor; novo desgosto para a Gata-Borrallheira, pois era ela quem passava a ferro as roupas das irmãs e quem vincava as preguinhas dos seus punhos. Não falavam senão da maneira como iam vestidas.

— Eu — disse a mais velha — levarei o meu vestido de veludo vermelho e a guarnição que veio de Inglaterra.

— E eu — disse a mais nova — levo a minha saia vulgar; mas, em compensação, porei o manto de flores de ouro e a minha barra de diamantes que não é das mais vulgares.

Mandaram saber de uma Cabeleireira que lhes pusesse os bandós muito bem agrupados em duas filas, na cabeça, e compraram “sinais” falsos de uma boa Artífice. Chamaram a Gata-Borrallheira para lhe pedir a sua opinião, pois tinha muito bom gosto.

A Gata-Borrallheira aconselhou-as o melhor possível e ofereceu-se mesmo para as pentear;

aceitaram logo. Enquanto as ia penteando, diziam-lhe:

- Gata-Borrallheira, tu gostavas de ir ao Baile?
- Oh, Meninas, estão a fazer troça de mim; não é isso que me faz falta.
- Tens razão, nunca se viu um Rabo-de-Cinza ir ao Baile.

Outra que não fosse a Gata-Borrallheira tê-las-ia penteado mal; mas ela era boa e penteou-as com perfeição. Estiveram perto de dois dias sem comer, de tal maneira se sentiam felizes. Romperam mais de doze atacadores de espartilho, de tal modo os forçavam para ficarem com a cintura mais delgada, e não saíam da frente do espelho. Finalmente, chegou o dia feliz, partiram, e a Gata-Borrallheira seguiu-as com os olhos até deixar de as ver; quando deixou de as ver, começou a chorar. A sua Madrinha, ao vê-la banhada em lágrimas, perguntou-lhe o que é que tinha.

– Eu gostava... eu gostava...

Chorava tanto que não conseguia terminar a frase. A Madrinha, que era Fada, disse-lhe:

– Tu gostavas de ir ao Baile, não era?

– Bem, sim – disse a Gata-Borrallheira, suspirando.

– Pois bem, tu és boa menina! – disse a Madrinha. – Eu faço com que vás.

Levou-a para o quarto e disse-lhe:

– Vai ao jardim e traz-me uma abóbora.

A Gata-Borrallheira foi logo apanhar a mais bonita que encontrou e trouxe-a à Madrinha, sem conseguir imaginar como é que uma abóbora poderia fazer com que fosse ao Baile. A Madrinha escavou-a logo e, não tendo deixado senão a casca, tocou-lhe com a sua varinha e a abóbora logo se transformou numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi dar uma vista de olhos à ratoeira e encontrou seis ratos ainda com vida; disse à Gata-Borrallheira que levantasse um pouco a porta da ratoeira e, em cada rato que ia saindo, dava uma pancada com a sua varinha e logo o rato ficava transformado num lindo cavalo; isto fez com que aparecessem três belas parelhas de cavalos malhados de preto e branco.

E como a visse sem saber de que havia de fazer um Cocheiro:

— Eu vou ver — disse a Gata-Borrallheira — se há alguma ratazana na ratoeira, para se fazer dela um Cocheiro.

— Tens razão — disse a Madrinha —, vai ver.

A Gata-Borrallheira trouxe a ratoeira na qual estavam presas três ratazanas grandes. A Fada escolheu uma de entre as três pelos seus grandes pelos no focinho e, tendo-lhe tocado, transformou-a num imponente Cocheiro que tinha um dos mais belos bigodes que jamais se vira.

Em seguida, disse-lhe:

— Vai ao jardim e aí encontrarás seis lagartos escondidos atrás do regador. Traz-mos.

Mal ela acabou de os trazer, a Madrinha transformou-os em seis Lacaios, que subiram logo para a parte de trás da carruagem com os seus fatos de gala e ficaram ali tão perfilados que parecia que nunca tinham feito outra coisa na vida. Então a Fada disse à Gata-Borrallheira:

— Bem, vês como podes ir ao Baile? Não estás contente?

— Sim, mas vou assim com este humilde vestido?

A Madrinha não fez mais do que tocar-lhe com a sua varinha e no mesmo instante o seu vestido ficou transformado num vestido de ouro e de prata, todo salpicado de pedrarias; e depois deu-lhe um par de sapatos de cristal, os mais lindos do mundo.

Assim preparada, subiu para a carruagem; mas a Madrinha recomendou-lhe que, acima de tudo, não deixasse passar a meia-noite e avisou-a de que, se se demorasse no Baile um só momento mais, a carruagem se transformaria novamente numa abóbora, os cavalos em ratos, os lacaios em lagartos e que o seu vestido ficaria com o antigo aspeto.

Prometeu à Madrinha que não deixaria de sair do Baile antes da meia-noite. Partiu, não cabendo em si de contente.

O Filho do Rei, a quem fora anunciado que uma grande Princesa, que não se sabia quem era, acabava de chegar, correu a recebê-la; ofereceu-lhe a mão para a ajudar a descer da carruagem e

conduziu-a para a Sala onde estavam os Convidados. Fez-se um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos calaram-se, tão suspensos ficaram todos a contemplar a enorme beleza daquela desconhecida. Apenas se ouvia um murmúrio confuso:

— Ah, como é bela!

O próprio Rei, velho como era, não pôde deixar de a contemplar e de dizer muito baixinho à Rainha que há muito tempo não via uma pessoa assim tão bela e fascinante.

Todas as Senhoras olhavam com atenção para o seu penteado e para o seu vestido, para ver se no dia seguinte o conseguiam copiar, se acaso encontrassem tecido assim tão belo e artífices suficientemente hábeis para o realizarem.

O Filho do Rei conduziu-a ao lugar de maior destaque e depois convidou-a para dançar. Ela dançou com tanta graça que ainda ficaram a admirá-la mais.

Trouxeram uma ceia magnífica na qual o Príncipe mal tocou, de tal maneira estava fascinado por ela. Ela foi sentar-se junto das suas irmãs e

teve para com elas mil amabilidades: repartiu com elas as laranjas e os limões que o Príncipe lhe tinha oferecido, o que fortemente as impressionou, pois não a reconheceram. Quando assim conversavam, a Gata-Borrallheira ouviu soar as onze horas e três quartos: fez de repente uma vénia a todos os Convidados e foi-se embora o mais depressa que lhe foi possível.

Quando regressou a casa foi ter com a sua Madrinha e, depois de lhe ter agradecido, disse-lhe que muito desejaria ir outra vez ao Baile no dia seguinte, pois o Filho do Rei lho tinha pedido.

Como estivesse muito entretida a contar à Madrinha tudo o que se tinha passado no Baile, só reparou que as suas irmãs já tinham chegado quando lhe bateram à porta; a Gata-Borrallheira foi abrir.

— Que tempo levaram a chegar! — disse-lhes, bocejando e esfregando os olhos, espreguiçando-se como se tivesse acabado de se levantar; no entanto, o certo é que não tivera desejo algum de dormir desde que se haviam separado.

— Se tu tivesses vindo ao Baile — disse-lhe uma das irmãs — não te terias aborrecido: apareceu a mais bela Princesa, a mais bela que há para se ver; foi muito amável para connosco e deu-nos laranjas e limões.

A Gata-Borrallheira não cabia em si de contente: perguntou-lhes como se chamava essa Princesa, mas elas responderam-lhe que não sabiam, que o Filho do Rei ficara muito triste e que daria tudo para saber quem ela era.

A Gata-Borrallheira sorriu e disse-lhes:

— Ela era assim tão bela? Meu Deus, como vós sois felizes; eu não poderei vê-la? Ah, Menina Juvotte, empreste-me aquele vestido amarelo que põe todos os dias.

— Realmente — disse a Menina Juvotte — eu sou da mesma opinião! Agora, emprestar o meu vestido ao miserável Rabo-de-Cinza: era preciso que eu fosse bem tola.

A Gata-Borrallheira recebeu bem esta recusa e ficou contente com ela, pois ter-se-ia visto seriamente atrapalhada se a irmã tivesse querido emprestar-lhe o vestido. No dia seguinte as duas

irmãs foram ao Baile e a Gata-Borrallheira também, mas ainda ia mais elegante do que da primeira vez. O Filho do Rei nunca saiu de junto dela e não se cansava de lhe dizer coisas lindas; a jovem Menina não se cansava de o ouvir e esqueceu-se do que a sua Madrinha lhe recomendara; de maneira que, quando ouviu tocar a primeira badalada da meia-noite, supôs que eram ainda onze horas: levantou-se e fugiu tão rapidamente como o teria feito uma serpente.

O Príncipe seguiu-a, mas não conseguiu alcançá-la; ela deixou cair um dos seus sapatos de cristal, que o Príncipe guardou com todo o cuidado.

A Gata-Borrallheira chegou a casa completamente esfalfada, sem carruagem, sem lacaios e com o seu velho vestido, não restando da sua magnificência senão um dos sapatinhos, o par daquele que tinha deixado cair.

Perguntaram aos Guardas do Palácio se tinham visto sair uma Princesa; disseram que não tinham visto sair ninguém exceto uma rapariga muito malvestida e que tinha mais ar de uma Camponesa do que de uma Menina.

Quando as suas irmãs regressaram do Baile, a Gata-Borrallheira perguntou-lhes se se tinham divertido muito e se a bela Senhora lá tinha estado; disseram-lhe que sim, mas que tinha fugido logo que soara a meia-noite, e tão rapidamente que deixara cair um dos seus sapatos de cristal, o mais lindo do mundo; que o Filho do Rei o tinha guardado e que não tinha feito outra coisa senão olhar para ele durante o resto do Baile, e que certamente estava muito apaixonado pela bela pessoa a quem pertencia o sapatinho. Falaram verdade, pois, poucos dias passados, o Filho do Rei fez apregoar, ao som da trompa, que casaria com aquela cujo pé coubesse à justa no sapato.

Começaram a experimentá-lo em Princesas, depois em Duquesas e em todas as Meninas da Corte, mas sem resultado.

Levaram-no à casa das duas irmãs, as quais fizeram todo o possível por introduzir o pé no sapato, sem o conseguirem. A Gata-Borrallheira, que as observava e que reconhecera o seu sapato, disse a rir:

— Quero ver se ele me fica bem.

As irmãs começaram a rir e a fazer troça dela.

O Senhor que experimentava o sapato, tendo olhado atentamente para a Gata-Borrallheira e vendo que era muito bonita, disse que isso era justo e que tinha ordem para o experimentar em todas as raparigas.

Fez sentar a Gata-Borrallheira e, aproximando o sapato do seu pequeno pé, viu que entrava sem esforço e que lhe ficava perfeitamente justo.

O espanto das duas irmãs foi enorme, mas ainda maior se tornou quando a Gata-Borrallheira tirou da algibeira o outro sapatinho, que calçou no outro pé.

Ao alto apareceu a Madrinha que, tendo dado um toque nos vestidos da Gata-Borrallheira com a sua varinha, os tornou ainda mais sumptuosos do que todos os outros.

Então as duas irmãs viram que era ela a bela personagem que tinham visto no Baile; lançaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que lhe tinham feito sofrer. A Gata-Borrallheira ergueu-as e disse-lhes, abraçando-as,

que lhes perdoava de todo o seu coração e que
lhes pedia que a amassem sempre. Conduziram-
-na a casa do jovem Príncipe, que estava tão
bem-vestido como ela: ele achou-a mais bela do
que nunca e alguns dias depois casou com a
Gata-Borrallheira, que era tão boa quanto bela.
Ela acolheu as duas irmãs no Palácio e no
mesmo dia as casou com dois Fidalgos da Corte.

MORALIDADE

A beleza é um tesouro raro para a mulher,
nunca é possível deixar de a admirar;
mas o que se chama delicadeza
não tem preço e vale ainda mais.

Foi o que à Gata-Borrallheira demonstrou a
[sua Madrinha,
ao vesti-la, ao instruí-la,
tanto e tão bem que fez dela uma Rainha
(pois é assim que através deste conto se vai
[moralizando]).
Belas, este dom vale mais do que um lindo
[penteado,

para conquistar um coração, para atingir um
[fim;
a delicadeza é o verdadeiro dom das Fadas;
sem ela nada se consegue, e com ela tudo é
[possível.

OUTRA MORALIDADE

É sem dúvida uma vantagem
ter inteligência, ter coragem,
ser bem-nascido, ter bom senso
e outros predicados semelhantes
que se recebem do Céu como herança;
mas para vós de nada valerá possuí-los,
para a vossa ascensão na vida serão coisas vãs
se não tiverdes, para os valorizar,
ou padrinhos ou madrinhas.